

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.824>

**“OSTALGIE” E A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ:** as disputas sobre as memórias das homossexualidades<sup>1</sup>

**“OSTALGIE” AND THE GERMAN DEMOCRATIC REPUBLIC:** the disputes over the memories of the homosexualities

**“OSTALGIE” Y LA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMANA:** las disputas sobre las memorias de las homossexualidades

HENRIQUE CINTRA SANTOS

Doutorando em História / Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

[henriquecintra@outlook.com](mailto:henriquecintra@outlook.com)

**Resumo:** A *Ostalgie*, neologismo alemão para designar a nostalgia para com a vida na antiga República Democrática Alemã, tem sido um traço característico dos discursos posteriores a reunificação alemã. A conformidade ou contrariedade à *Ostalgie* ocorre dentro de uma série de disputas sobre o enquadramento de uma memória nacional. É nessa concorrência sobre a memória que as homossexualidades e suas vivências na Alemanha Oriental encontram um terreno profícuo para sua problematização, mas presas em uma constante disputa que ora visa generalizar a repressão desses grupos como o único traço de suas vidas na RDA, ora atesta para uma revolução sexual que os teria beneficiado e os colocado em vantagem em relação à sua contrapartida ocidental. Assim, pretende-se aqui traçar o tratamento sobre a homossexualidade no antigo Estado alemão socialista, bem como as disputas sobre essa memória como resultantes das ambiguidades que circundaram as vidas homossexuais na Alemanha Oriental.

**Palavras-chave:** Memória. Sexualidades. Alemanha Oriental.

**Abstract:** *Ostalgie*, a German neologism that designates the nostalgic sentiment towards life in the former German Democratic Republic, has been a characteristic feature of the discussions that succeeded the German unification. The compliance or setback towards *Ostalgie* occurs within a series of disputes over the framing of a national memory. It is in this discursive competition of memory that homosexualities and their experiences in East Germany find a useful ground for their problematization, albeit trapped in a constant dispute that either aims to generalize the repression of these groups as the only trace of their lives in the GDR, or attests for a sexual revolution that would have benefited them and put them at an advantage over their western counterpart. Thus, we intend here to outline the treatment of homosexuality within the former socialist state, as well its disputes over that memory as a result of the ambiguities that surrounded homosexual lives in East Germany.

**Keywords:** Memory. Sexualities. East Germany.

**Resumen:** *Ostalgie*, neologismo alemán para designar la nostalgia hacia la vida en la antigua República Democrática Alemana, ha sido un rasgo característico de los discursos después de unificación alemana. La conformidad o la contrariedad de *Ostalgie* se produce dentro de una serie de disputas sobre la elaboración de una memoria nacional. Es en esta competencia sobre la memoria que las homossexualidades y sus experiencias en Alemania Oriental encuentran un terreno provechoso para su problematización, pero atrapados en una disputa constante que ora apunta a generalizar la represión de estos grupos como el único rastro de sus vidas en la RDA, ora testimonia para una revolución sexual que los hubiera beneficiado y los hubiera puesto en ventaja sobre su contraparte occidental. De esta

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

manera, se pretende aquí describir el tratamiento de la homosexualidad dentro del antiguo estado socialista, así como las disputas sobre esa memoria como resultado de las ambigüedades que rodearon las vidas homosexuales en Alemania del Este.

**Palabras clave:** Memoria. Sexualidades. Alemania del Este.

## Introdução

A reflexão sobre a queda do Mundo de Berlim e a posterior unificação da Alemanha é acompanhada, usualmente, de discussões centradas no viés econômico e político de uma colisão entre duas sociedades que se colocavam como antagônicas. Tais discussões, obviamente centrais para o acoplar de uma sociedade socialista a uma capitalista, não são, no entanto, referentes aos únicos choques experimentados no dia a dia com a unificação, principalmente para os alemães orientais. As questões de gênero e sexualidade são partes indispensáveis para não apenas pensar nessa colisão ideológica das duas Alemanhas, mas também para entender o passado dessa sociedade agora unida. Nesse viés, a suposta revolução sexual da antiga República Democrática Alemã (RDA), ou Alemanha Oriental, tem nos últimos anos recebido, ainda que de forma preambular, uma maior atenção acadêmica. Como exemplo, observa-se o trabalho de grande sucesso de Ghodsee<sup>2</sup> que, apesar de não se centrar exclusivamente no caso alemão socialista, dispõe de grande atenção para as discussões sobre a emancipação econômica e sexual feminina experimentadas na antiga República. No entanto, as discussões que se empreendem na situação dos LGBTQ+ da antiga Alemanha Oriental são ainda mais escassas e se fazem não apenas necessárias e profícuas para o campo de gênero e sexualidade dentro da História, mas também para melhor compreender o Estado socialista alemão de natureza tão particular e ainda desprovido de melhor entendimento.

As discussões sobre a RDA são tomadas, geralmente, pela adoção ou oposição ao discurso da *Ostalgie*, um termo que interliga a palavra *Ost* (Leste) e *Nostalgie* (Nostalgia) e refere-se a um saudosismo pela vida levada na antiga Alemanha Oriental. Quando a discussão recai nas questões de gênero e sexualidade, há aqueles partidários ao discurso da *Ostalgie* que apontam para uma aceitação da diversidade dentro da sociedade socialista alemã e, portanto, a possibilidade de vivências homossexuais (não entendidas sob a pluralidade que a sigla LGBTQ+ propõe, já que o conceito de tais identidades não se fazia ainda presente naquela sociedade). Por outro lado, há outros, geralmente opositores dessa nostalgia pelo antigo país,

---

<sup>2</sup> GHODSEE, Kristen R. *Why Women Have Better Sex Under Socialism: And Other Arguments for Economic Independence*. New York: Bold Type Book, 2018.

que reiteram o papel repressivo engajado pelo antigo Estado alemão e a negação de uma suposta revolução sexual no país. Como coloca McLellan,

de um lado temos uma narrativa de repressão que sublinha a falta de privacidade, e um consequente efeito inibidor nas relações pessoais. Por outro lado, uma narrativa “romântica” insiste que a interferência do Estado nas vidas privadas era insignificante, e que a influência de “cima para baixo” era de forma geral benigna.<sup>3</sup>

Observa-se, dessa forma, uma disputa de memórias que não ocorre somente no campo das lembranças individuais. Tais disputas se realizam também com os embates entre *enquadramentos de memória* da sociedade englobante<sup>4</sup> ante aquelas minorias cujas memórias individuais são não apenas extratos constitutivos de uma identidade, mas também desestabilizadores das grandes narrativas.

Neste artigo pretendo, então, sublinhar três aspectos: a *Ostalgie* como sendo mais um marcador da condição presente do que a representação de um passado real; o tratamento ambíguo do Estado alemão socialista para com a homossexualidade; e as disputas de memória sobre a homossexualidade na RDA como representantes resultantes da ambivalência com que o tema era tratado na antiga Alemanha Oriental.

### *Ostalgie*

A *Ostalgie*, termo que designa, como já anteriormente elucidado, um certo sentimento de saudade pela vida levada no Leste socialista alemão, foi um termo constituído logo após a queda do Muro de Berlim e a unificação da Alemanha e cujas reverberações discursivas, políticas e também materiais têm sido presentes hodiernamente.

O sentimento saudosista pela antiga República Democrática Alemã não demorou a se disseminar na sociedade alemã após a reunificação. Em seu estudo etnográfico na parte Leste da Alemanha unificada durante os anos 1990, Berdahl<sup>5</sup> colecionou inúmeros exemplos que instauram a *Ostalgie*.

De modo mais imediato, os primeiros traços da *Ostalgie* foram observados em sua materialização em artefatos de consumo. Tal reverência pelos produtos típicos da sociedade socialista alemã, até então recipientes de incontáveis críticas e deboches por grande parte da

<sup>3</sup> MCLELLAN, Josie. *Love In Time of Communism: intimacy and sexuality in the GDR*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 3. Tradução nossa.

<sup>4</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>

<sup>5</sup> BERDAHL, Daphne. '(N)Ostalgie' for the presente: Memory, longuing, and East German things. *Ethnos*, v. 64, n. 2, p. 192-211, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141844.1999.9981598>

sociedade, inclusive dos próprios alemães orientais, possui vários motivos. O primeiro deles é mercantilização de tais produtos por parte de uma sociedade agora capitalista. Como Berdahl<sup>6</sup> observou, os alemães ocidentais, em uma atitude debochada sobre o passado alemão, passaram a colecionar tais produtos, mesmo que estes, em sua maioria, agora fossem replicados por empresas ocidentais. O segundo motivo, o qual parece ser resultado direto do primeiro, diz respeito aos próprios alemães orientais, os quais, mesmo com a nova oferta de incontáveis bens de consumo ocidentais, até então sonhados pela maior parte dos cidadãos da RDA, voltaram-se aos seus antigos produtos da extinta República em uma evidente resposta ao deboche ocidental. Berdahl, por exemplo, observou uma família oriental que resolveu visitar seus familiares ocidentais utilizando o antigo carro *Trabi* (um símbolo da RDA e também motivo de deboche por parte dos alemães ocidentais) como forma não apenas de reiterar sua identidade alemã oriental, mas também desestabilizar as empreendidas discursivas pejorativas em curso não só na imprensa como na sociedade ocidental como um todo. Essa atitude é bastante contrastante com a imagem que marcou os dias seguintes à reforma monetária alemã e a enxurrada de alemães orientais nas lojas em busca de produtos *capitalistas*. Esse contraste pode ainda ser explicado por um terceiro fator: “o espaço de trabalho era então não apenas o centro da sociabilidade diária, mas também um símbolo de comunidade e pertencimento nacional”<sup>7</sup>. Esse espaço de trabalho e os produtos que dele resultavam tinham um sentido muito diferente para os alemães orientais em comparação ao modo que se dá a relação entre indivíduo e produto na sociedade capitalista. Como uma das entrevistadas atestou, “de repente todos os produtos do Leste desapareceram (...) não é como se nós quiséssemos apenas ter os belos produtos ocidentais. Mas não havia mais produtos orientais para comprarmos.”<sup>8</sup>. Ou seja, a desaparecimento dos artefatos significou não apenas uma escassa oferta de tais produtos, mas a dissolução de uma identificação desses indivíduos que até então era central em suas vidas. É, então, natural que o retorno desses itens (mesmo sendo agora produzidos por empresas ocidentais e também símbolos por muitos anos do descontentamento dos alemães orientais com o regime socialista da RDA) coincida com uma crise de identidade, de forte desemprego e de não cumprimento das promessas que acompanhavam a adesão ao capitalismo.

Os diversos motivos que acompanham a materialização da *Ostalgie* apontam não apenas para os diversos embates que constituíram a unificação alemã, mas indicam os

---

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid., p. 194. Tradução nossa.

<sup>8</sup> Ibid., p. 195. Tradução nossa.

diferentes usos que fazem da *Ostalgie*. Para além, por exemplo, da capitalização em forma de bens consumíveis ou a apropriação cinematográfica desse discurso<sup>9</sup>, a imprensa alemã, em um primeiro momento, tomou posse da *Ostalgie* não com o intuito de fomentar uma discussão sobre o passado alemão socialista, mas a fim de “desvalorizar as críticas de alemães orientais às políticas da reunificação”<sup>10</sup>. É dentro do leque diverso de possibilidades de manuseio da *Ostalgie* que grande parte da discussão sobre gênero e sexualidade também se dá.

Como demonstram Ghodsee<sup>11</sup> e Frink<sup>12</sup>, por exemplo, a condição da mulher, principalmente no que diz respeito à sua emancipação econômica, passou por transformações ostensivas nos países do Bloco Socialista, principalmente na RDA. A inserção das mulheres no mercado de trabalho nesses países foi tema de discussão até mesmo na ONU em 1975, em ocasião do Ano Internacional das Mulheres, onde pesquisas ilustraram os resultados das políticas empreendidas pelos Estados socialistas: 49,7% da força de trabalho na URSS e 43,7% no Leste Europeu era constituída por mulheres diante de 37,4% na América do Norte e apenas 32,7% na Europa Ocidental. Como aponta Ghodsee, tal superioridade de independência econômica vivenciada pelas mulheres na Alemanha Oriental foi sentida após a unificação dos dois territórios e o espanto das alemãs ocidentais pela facilidade com que as alemãs orientais, por exemplo, deixavam seus filhos sob cuidado das creches e partiam para o trabalho. Percebe-se, dessa forma, não apenas condições díspares no que tange à independência das mulheres em ambas as sociedades, mas também uma atitude heterogênea para com o que era ansiado dentro de uma construção performativa<sup>13</sup> das categorias de gênero em cada contexto. É importante ressaltar, no entanto, que, apesar de uma *a priori* independência observada na mulher alemã oriental, não se pode atestar para uma real discussão pública dentro da RDA sobre as expectativas culturalmente colocadas quanto ao empreendimento performativo das categorias de gênero<sup>14</sup>. Contudo, são inegáveis as disparidades com que as mulheres alemãs-ocidentais e orientais, e em menor grau também os homens, encontravam-se em diversas instâncias.

A percepção de tais diferenças, as quais eram certamente esperadas em face de mais de 40 anos de separação das sociedades, encontraram na *Ostalgie* um campo profícuo

---

<sup>9</sup> ENNS, Anthony. The politics of Ostalgie: post-socialist nostalgia in recent German film. *Screen*, v.48, n. 4, p. 475 - 491, 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/screen/article-abstract/48/4/475/1615394>

<sup>10</sup> BERDAHL, op. cit., p. 205. Tradução nossa.

<sup>11</sup> GHODSEE, op. cit.

<sup>12</sup> FRINK, Helen. *Women After Communism: The East German Experience*. Lanham, MD: University Press of America, 2001.

<sup>13</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

<sup>14</sup> MCLELLAN, op. cit.

para os mais diversos discursos. Ao observarem as mulheres, e conseqüentemente os homens (em conformidade com a matriz heteronormativa), muitos apontaram para uma suposta revolução sexual na Alemanha Oriental. Entre os diversos aspectos que fundam tal percepção, destacam-se: emancipação econômica das mulheres; legalização do aborto; normalização do sexo antes do casamento; a prática do nudismo largamente empreendida pelos alemães orientais; entre outros. A partir de tais noções e indo de encontro com a versatilidade pragmática da *Ostalgie*, muitos alargaram o escopo de uma revolução sexual e incluíram o tratamento da homossexualidade pelo Estado da RDA. Para muitos, a suposta revolução sexual teria, então, para além de acomodar uma suposta maior equidade de gênero, acompanhado uma liberalização pública da homossexualidade, crença que tem sido justificada, principalmente, pela descriminalização da homossexualidade em 1968 na RDA, precedendo um ano o mesmo ato na Alemanha Ocidental.

Os embates que tentam confirmar ou contestar uma revolução sexual na RDA são diversos. Herzog<sup>15</sup>, por exemplo, defende que não houve uma revolução sexual no país, mas sim apenas na Alemanha Ocidental. McLellan<sup>16</sup>, por outro lado, contesta a negação de Herzog para com a Alemanha Oriental e chama pelo reconhecimento de uma *evolução* sexual na RDA no lugar de uma *revolução*. Observa-se, então, que as disputas sobre a memória da antiga República socialista e os usos sobre a *Ostalgie* são inúmeros e abarcam também as discussões de gênero e sexualidade. Vê-se, por exemplo, que

por toda a década de 1990, e repetidamente vezes, Orientais (gays e heterossexuais) articularam a convicção que o sexo no Oriente teria sido bem mais genuíno e amoroso, mais sensual e mais gratificante – e menos restrito a individualizado – do que o sexo na Alemanha Ocidental.<sup>17</sup>

Tais acepções, como frisa Herzog, não ficariam restritas apenas aos heterossexuais, mas seriam discursos também engajados pelos homossexuais. Encontram-se, dessa forma, incontáveis incursões discursivas a fim de legitimar, ou não, como se deve entender as experiências homossexuais na antiga República Democrática Alemã. O que se deve sublinhar aqui é que acepções memorialísticas para com a vida homossexual na Alemanha Oriental, sendo elas nostálgicas ou críticas, são perpassadas por diversas ambivalências, as quais são intrínsecas às formas com que a homossexualidade era vivenciada e recebida pelo Estado na antiga RDA. Além disso, tanto os discursos exclusivamente

---

<sup>15</sup> HERZOG, Dagmar. East Germany's Sexual Evolution. In: PENCE, Katherine; BETTS, Paul. *Socialist Modern. East Germany Everyday Culture and Politics*. The University of Michigan Press, 2008. p. 71-96.

<sup>16</sup> MCLELLAN, op. cit.

<sup>17</sup> HERZOG, op. cit., p. 91. Tradução nossa.

favoráveis à RDA como também aqueles generalizantes quanto a uma total repressão estão inseridos em disputas para um *enquadramento* de memória<sup>18</sup> e, de forma semelhante aos produtos consumíveis de rememoração, adentram o campo da *Ostalgie* onde

tirados de seu contexto original de uma economia de escassez e um regime opressor, (...) relembram uma Alemanha Oriental que nunca existiu. Eles, então, ilustram não apenas o modo como a memória é um fenômeno interativo, maleável, e bastante contestável, mas também os processos pelos quais as coisas se tornam informadas com uma capacidade de lembrança – e também de esquecimento<sup>19</sup>

O que se pode observar, então, é que olhar para a *Ostalgie* é uma ferramenta profícua não apenas de se pensar o passado de forma crítica, mas também observar os usos políticos desse passado na atualidade já que, na maior parte das vezes, “como outras formas de rememoração, então, a *Ostalgie* nos conta mais sobre o presente do que o passado”<sup>20</sup>.

### As disputas sobre a memória e enquadramento

Partindo das teorizações sobre a construção da memória coletiva providas por Halbwachs<sup>21</sup>, Pollak<sup>22</sup> aponta para as constituições do tipo mais organizado de memória coletiva que existe, a memória nacional. Essa constituição de uma memória que se propõe globalizante de grupos diversos, obviamente, é produzida a partir de diversas disputas de memórias, as quais, ocorrem em locais institucionalizados, mas também fora deles.

A memória nacional da República Democrática Alemã foi durante a existência de seu Estado almejada de maneira extremamente uniformizada e discursivamente homogênea, a partir de uma organização quase que exclusivamente institucional. O Estado Alemão socialista, considerado por muitos como o país atrás da Cortina de Ferro mais centralizador e com seu aparato repressor e de censura, a *Stasi*<sup>23</sup>, conseguiu por grande parte de sua existência reprimir a vociferação daquelas *memórias subterrâneas*, aquelas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional<sup>24</sup>.

<sup>18</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>

<sup>19</sup> BERDAHL, op. cit., p. 198. Tradução nossa.

<sup>20</sup> Ibid., p. 206. Tradução nossa. “)

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>22</sup> POLLAK, op. cit.

<sup>23</sup> MILLER, Barbara. *Narratives of Guilt and Compliance in Unified Germany: Stasi Informers and their impact on society*. London: Routledge, 1999.

<sup>24</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>

O que se pode apontar, dessa forma, para o período pós-queda do Muro de Berlim e a procedente unificação alemã é uma descentralização da memória nacional alemã oriental. Se antes o Estado extremamente centralizador outorgava aquilo que era pertinente ou não à memória alemã socialista, hoje a disputa sobre tal memória é descentralizada e perpassa todos os campos sociais da nova Alemanha (inclusive por aqueles que não faziam parte do antigo Estado socialista). Dessa forma, o *enquadramento da memória*, ou seja, o fazer dessa “memória constituída”<sup>25</sup>, ainda está institucionalizado na mão de historiadores, universidades, instâncias do Estado alemão unificado, mas também perpassa pelas disputas de cidadãos comuns, por aqueles que apoiavam o regime, por aqueles que se opunham e, portanto, eram perseguidos, ou então pelos próprios alemães ocidentais, os quais, mesmo não tendo vivido no Alemanha Oriental, se enxergam cúmplices dessa memória e, portanto, colocam suas vozes nesses embates.

É dentro desse emaranhado discursivo e de disputa sobre a memória de uma nação que já não mais existe e a qual foi aglutinada exatamente por aquela que enxergava ser a sua antagonista que a *Ostalgie* aparece não apenas como rememoração nostálgica de uma vida apagada pela queda do Muro de Berlim, mas como um artifício para adentrar a disputa pela memória nacional da RDA. Quer seja confirmando um sentimento nostálgico para com a vida na Alemanha Oriental, ou então deslegitimando tal discurso, os diversos usos da *Ostalgie* estão no cerne das disputas pelo enquadramento da memória dessa nação extinta, mas também na forma como a própria Alemanha unificada se entende hoje. É por isso que, muitas vezes, observar a *Ostalgie* pode não apenas ajudar a entender melhor o passado, mas também enxergar as conjunturas presentes.

A memória sobre a homossexualidade na RDA é um exemplo profícuo de disputa sobre o enquadramento de uma memória. Entre aqueles que defendem uma ocorrida revolução sexual, aqueles que a negam, aqueles que sentem falta de suas vivências *gays* na antiga República, ou outros que viram a queda do Muro como o grande passo para a liberalização homossexual no leste da Alemanha, as disputas pelo enquadramento da memória da RDA se fazem sempre presentes.

Stapel, por exemplo, 25 anos após a queda do Muro de Berlim, ao escrever sobre a homossexualidade na RDA, aponta que, apesar dos movimentos pela liberalização homossexual na Alemanha Oriental e Ocidental terem se construído de formas díspares, “as situações de *gays* e lésbicas na RDA e na RFA eram muito semelhantes e mostravam apenas

---

<sup>25</sup> POLLAK, 1992, op. cit., p. 6.

algumas diferenças”<sup>26</sup>. Por outro lado, Lemke<sup>27</sup>, em 1991, ao falar sobre a questão da homossexualidade na RDA em comparação ao que encontrou na Alemanha Ocidental após a unificação, engaja-se em certa *Ostalgie* ao problematizar a unificação alemã e olhar com nostalgia para o que se tinha como experiência homossexual na Alemanha Oriental. De forma geral, o autor chama atenção para o individualismo que encontrou entre os homossexuais ocidentais, ao comparar com o maior grau de cooperação entre os homossexuais orientais. O autor coloca que, caso não fossem as condições econômicas tão desfavoráveis na RDA, as quais culminaram em sua dissolução, “nós gays poderíamos ter desenvolvido um tipo de solidariedade mais humano do que eu vejo no Ocidente”<sup>28</sup>. O autor atesta isso junto à defesa de existência de uma “subcultura homossexual extremamente desenvolvida”<sup>29</sup> e particular na RDA. Ou seja, observa-se aqui dois exemplos de *memórias* sobre o passado da homossexualidade na antiga Alemanha Oriental. Enquanto um denota maior similitude entre as experiências orientais e ocidentais, a outra se engaja em uma *Ostalgie* em uma defesa das diferenças entre tais grupos e a preferência pelo que se via em curso no lado oriental.

Deve-se frisar, no entanto, que tais perspectivas não precisam ser, necessariamente, observadas dentro de um escopo que vise validar uma delas em detrimento da outra. Os sujeitos e suas experiências são particulares, diversos e, muitas vezes, contraditórios. Assim, a coexistência de diferentes vivências e, conseqüentemente, suas respectivas memórias devem ser consideradas a fim de se evitar generalizações e apagamentos dentro do campo de disputas sobre o enquadramento de uma memória coletiva, principalmente a nacional. O que se deve frisar, então, é a existência discursiva múltipla sobre como se entende a homossexualidade na antiga República socialista alemã. Assim, a fim de se observar tais jogos sobre essa memória, a contrariedade ou a afirmação para com a *Ostalgie* despontam como um recorte profícuo ao se propor essa análise.

Tal dissonância discursiva alude não somente à impossibilidade de generalizar uma realidade, como também à ambivalência que constituiu a vida homossexual na RDA. Dessa forma, discutiremos abaixo como a homossexualidade era vivenciada e tratada de forma bastante paradoxal pelo Estado alemão, o que nos permite problematizar os discursos essencialistas a favor ou não da *Ostalgie*.

---

<sup>26</sup> STAPEL, Eduard. Ankunft in Deutschland – Reflexionen nach fast 25 Jahren. In: MARBACH, Rainer; WEIß, Volker. *Konformitäten und Konfrontationen. Homosexuelle in der DDR*. Hamburg: Männerschwarm Verlag, 2017. p. 143. Tradução nossa.

<sup>27</sup> PECK, Jeffrey M; LEMKE, Jürgen. Being Gay in Germany: An Interview with Jürgen Lemke. *New German Critique*, v. 52, 1991. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/488193?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/488193?seq=1#metadata_info_tab_contents)

<sup>28</sup> Ibid., p. 151. Tradução nossa.

<sup>29</sup> Ibid., p. 145.

## Homossexualidades na RDA

As duas primeiras décadas de existência da República Democrática Alemã foram marcadas por um constante silenciamento da questão da homossexualidade no país. De forma bastante contrastante, enquanto as mulheres viviam um momento de intensa liberalização, principalmente em relação à intensificação de sua entrada no mercado de trabalho, aceitação social mais ampla quanto à maternidade sem o casamento, entre outras conquistas, a homossexualidade não era um tópico a ser trabalhado no nível público. Como aponta Herzog, apesar de atitudes estatais como a normalização das relações sexuais antes do casamento, “a RDA nos anos 1950 e 1960 também desenvolveu um modo distintivo socialista e de muitos modos bastante opressivo de conservadorismo sexual”<sup>30</sup>. Nesse contexto, obviamente, a homossexualidade não encontrou um momento profícuo para um desenvolvimento de discussão e liberalização pública na Alemanha Oriental. E a insistência em muitos níveis, em especial aqueles fervorosos pela *Ostalgie*, pelo reconhecimento da ocorrência de uma liberalização também da homossexualidade na Alemanha Oriental, principalmente se relativo a essas duas primeiras décadas, aponta para o que McLellan coloca como uma ignorância ou distorção da experiência alemã socialista para os homossexuais (*gays* ou *lésbicas*). Vê-se então que “a recusa em pensar sobre as dificuldades da invisibilidade homossexual é típica de um tipo de heteronormatividade que permeia os escritos sobre esse tópico”<sup>31</sup>.

Até meados do fim da década de 1960, “os livros e jornais alemães orientais eram totalmente silenciosos quanto a questão da homossexualidade (...) e aqueles poucos que tratavam sobre eram invariavelmente depreciativos”<sup>32</sup>. Como traz Herzog, o médico Hanns Schwarz em uma publicação patrocinada pelo SED (*Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* ou Partido Socialista Unificado da Alemanha) tratava sobre o sexo antes do casamento como algo positivo, mas tal atividade deveria ocorrer “entre duas pessoas de sexo oposto que além da atração física devem estar conectadas emocionalmente, ter uma modo similar de olhar para o mundo e dividir interesses”<sup>33</sup>. Ou seja, o sexo antes do casamento aqui não é prescrito apenas em termos de atração física ou envolvimento amoroso, mas também estritamente envolvendo sujeitos de gênero diferente e, obviamente, projetados para a construção da sociedade alemã socialista.

---

<sup>30</sup> HERZOG, op. cit., p. 75. Tradução nossa.

<sup>31</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 142. Tradução nossa.

<sup>32</sup> Ibid., p. 115. Tradução nossa.

<sup>33</sup> HERZOG, op. cit., p. 74. Tradução nossa.

Evans aponta que esse tipo de literatura na RDA era uma tentativa prescritiva de uma

heterossexualidade para ajudar a canalizar os impulsos de busca por prazer para a luta coletiva. Enquanto os serviços para os jovens se apressavam a disciplinar e (re)educar desvios das normas prescritas, instituições, como as organizações estatais para os jovens (...) colocavam homens jovens conforme tradições de dever e respeito pela autoridade. Homossexualidade, como delinquência e desordem (...), questionava a transição suave do fascismo para um socialismo 'realmente existente'<sup>34</sup>.

Homossexualidade era considerada, dessa forma, uma ameaça à “normalidade” prevista dentro da transição de uma sociedade até então nazista para uma socialista. Assim, todo o aparato estatal, principalmente aqueles ligados aos jovens, apressaram-se a não colocar discursivamente a questão da homossexualidade, mas também a repreendê-la em um constante silenciamento. Evans<sup>35</sup> ainda aponta que a estratégia utilizada pelo Estado alemão socialista foi, então, muito próxima da forma com que o Nazismo, pelo menos em seus primeiros anos, lidou com a homossexualidade: a homofobia como tática que se empenha no apagamento daquilo que desestabilizaria a norma a fim de projetar certo sentimento de estabilidade em uma época de intensas transformações sociais, políticas e econômicas. As semelhanças com as estratégias adotadas pelo Nazismo, o regime o qual a RDA mais almejava se opor, aparecem também na visão oficial estatal (mesmo que encontrando pouca divulgação pública) que, de forma bastante parecida aos nazistas, pensavam na homossexualidade como “resultado da sedução durante a fase adolescente quando a orientação sexual ainda não era fixada no sexo oposto e/ou como associada com deficiência e crime”<sup>36</sup>.

Assim, pode-se afirmar que nas duas primeiras décadas de existência da República Democrática Alemã, apesar de transformações significativas na vida das mulheres e na dinâmica de relacionamentos heterossexuais, “a maioria dos especialistas concordavam que os homossexuais eram cosmopolitas afeminados e politicamente não confiáveis e que ameaçavam espalhar suas malevolências aos inocentes”<sup>37</sup>. Deve-se frisar que ao falar o termo *cosmopolitas* a autora aponta para a teoria ostensivamente aceita na RDA de que a homossexualidade era algo tipicamente burguês, capitalista e, logo, com toda a sua *imoralidade* que a acompanhava, não era profícua para a construção do Estado alemão

---

<sup>34</sup> EVANS, Jennifer V. Decriminalization, Seduction, and "Unnatural Desire" in East Germany. *Feminist Studies*, v. 36, n. 3, 2010, p. 555. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27919121>

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> HERZOG, op. cit., p. 76. Tradução nossa.

<sup>37</sup> EVANS, op. cit., p. 560. Tradução nossa.

socialista. A manutenção do parágrafo 175, conhecidamente utilizado no período nazista para o envio de homossexuais para campos de concentração, foi a principal medida estatal que apontava para seu posicionamento referente à homossexualidade. Ainda que a utilização legal do parágrafo 175 para atuação prisional sobre indivíduos não ter sido usualmente adotada dentro da República Democrática Alemã, sua manutenção apontava para a homofobia generalizada enraizada nessa sociedade.

No fim da década de 1960, mais precisamente em 1968, ocorre, no entanto, a descriminalização da homossexualidade na RDA, o que é, até hoje, o ato que mais gera controversa e dá sustentabilidade àqueles que promovem a ideia de uma liberalização homossexual na Alemanha Oriental, em especial quando se trata de *Ostalgie*. Um dos pontos mais sublinhados nesses discursos é o fato da Alemanha Oriental ter excluído o então parágrafo 175 um ano antes da sua vizinha, a Alemanha Ocidental. O que se vê é que após a conturbada década de 1950 e o sucesso alcançado pelas políticas econômicas na década de 1960, a RDA retira o parágrafo 175, descriminalizando, assim, a homossexualidade. Tal fato não deve ser minimizado e, obviamente, aponta para certas mudanças, mesmo que pouco significativas pragmaticamente, na postura estatal da RDA. A exclusão do parágrafo 175 deve, portanto, ser observada dentro de seu contexto específico onde o regime alemão socialista passa a buscar balancear algumas tendências liberalizantes ante um crescimento de vontade popular por maiores liberdades políticas<sup>38</sup>. Como propõe McLellan, a descriminalização na RDA antecipou um ano a da Alemanha Ocidental e, obviamente, “tudo isso era bom para a imagem moderna e progressiva que a RDA se esforçava a ter. De fato, a descriminalização não requereu uma grande mudança de prática”<sup>39</sup>. A não necessidade de grandes transformações a fim de possibilitar a eliminação do parágrafo 175 recai na, já citada, utilização bastante infrequente da lei para fins legais. Vê-se, assim, que tal atitude do Estado ocorre mais simbolicamente, a fim de projetar uma almejada imagem, do que efetivamente promovendo mudanças na sociedade.

A descriminalização representou, então, não um projeto novo do Estado da RDA para com o tópico homossexualidade, mas uma consequência de um contexto maior, em especial as recorrentes tentativas do Estado em apaziguar os descontentamentos sociais sem realizar grandes transformações. Assim, o fim do parágrafo 175 não significou que os desvios em relação à heteronormatividade agora não seriam mais preocupações no país, pelo

---

<sup>38</sup> EVANS, op. cit.

<sup>39</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 118. Tradução nossa.

contrário<sup>40</sup>. Essa insistente preocupação é materializada na criação do parágrafo 151 que proibia o ato sexual entre adultos e adolescentes do mesmo gênero. O interessante nessa nova lei não é apenas a sua imediata criação após o fim do parágrafo 175, mas também porque pela primeira vez legislava também sobre as lésbicas (o parágrafo 175 só se direcionava a atos entre sujeitos do gênero masculino). Vê-se, então, que a homossexualidade continuava sendo ainda uma preocupação mesmo após a descriminalização e algo do qual os jovens deveriam ser protegidos.

McLellan defende que, principalmente a partir de 1968 com o simbolismo da descriminalização, “o problema mais profundo enfrentado pelos *gays* e as lésbicas não era de ilegalidade, mas de invisibilidade”<sup>41</sup>. Essa invisibilidade, em grande medida resultado do silenciamento discursivo imposto pelo Estado em diversas instâncias, assim como uma homofobia dominante na sociedade, provocava não apenas a necessidade de tais indivíduos permanecerem no âmbito da clandestinidade, mas também dificultava a construção de redes de sociabilidade homossexual na RDA.

Borowski<sup>42</sup>, a partir de um trabalho de História Oral com homossexuais da Alemanha Oriental, colecionou uma série de relatos que expressam a invisibilidade que a identidade homossexual enfrentava no país. Um dos entrevistados, Michael, nascido em 1935, descreve a pressão que tinha em sempre apresentar o melhor desempenho em seu trabalho a fim de que tais resultados se sobrepusessem ao fato dele ser homossexual. Ou seja, o sucesso na atividade exercida de trabalho aparece como ferramenta para que se proteja contra a possibilidade de ser identificado como homossexual e, conseqüentemente, as possíveis retaliações advindas dessa identificação. Para Michael, “(...) quando nós somos um pouco melhores que os outros, então eles não podem fazer nada, eles precisam viver conosco”<sup>43</sup>. Além disso, o entrevistado frisa a necessidade de apresentar um comportamento lido no interior da matriz heteronormativa como um *homem* e não como uma *tunte* (expressão utilizada no alemão para designar um homem com uma performatividade lida na sociedade hegemônica como sendo *feminina*). Dessa forma, enquanto o homossexual deveria não se portar como uma *tunte*, “a mulher lésbica não era reconhecida como tal na sociedade e era aconselhada, como mulher, a se casar e ter filhos”<sup>44</sup>. Percebe-se, então, a heteronormatividade

---

<sup>40</sup> EVANS, op. cit.

<sup>41</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 118. Tradução nossa.

<sup>42</sup> BOROWSKI, Maria. Erste Erkenntnisse zum lesbischen und schwulen Alltagsleben in der frühen DDR. In: MARBACH, Rainer; WEIß, Volker. *Konformitäten und Konfrontationen. Homosexuelle in der DDR*. Hamburg: Männerschwarm Verlag, 2017. p. 51-64.

<sup>43</sup> Ibid., p. 56. Tradução nossa.

<sup>44</sup> Ibid., p. 61. Tradução nossa.

com que a sociedade alemã oriental tratava as questões sobre a sexualidade a fim de não apenas promover certa invisibilidade social destes, mas principalmente garantir que tais corpos desviantes fossem (re)educados a seguir performances de gênero conforme aquilo prescrito como profícuo para a construção da sociedade alemã socialista.

A invisibilidade imposta nos círculos pessoais junto a quase inexistente discussão pública sobre a homossexualidade promoviam a escassez para a possibilidade de formação de redes de sociabilidade homossexual no país. É por isso que, mesmo as autoridades estatais colocando que a descriminalização referente à exclusão do parágrafo 175 deveria ser o suficiente para tais indivíduos, para muitos

a questão de sua presença pública era vital. A maioria havia experimentado isolamento completo em seus anos de adolescência e posteriormente. Christiane completou trinta anos antes de ter sua primeira relação homossexual: ‘Eu havia imaginado que eu era a única lésbica em minha cidade – nem mesmo lésbica, eu não entendia isso naquela época’ (...)<sup>45</sup>.

Eduard Stapel, um dos nomes a se tornar mais proeminentes no movimento homossexual estabelecido a partir dos anos 1970 na RDA, recorda que teria acompanhado o enterro de entre quinze a vinte vítimas homossexuais de suicídio<sup>46</sup>. Tal sentimento de isolamento provocado pela invisibilidade que a identidade homossexual enfrentava na Alemanha Oriental se materializava em experiências tardias como as de Christiane ou, em casos extremos, a morte literal de tais indivíduos.

É nesse contexto que na década de 1970 as primeiras iniciativas para um movimento homossexual na Alemanha Oriental entram em curso. É, então, necessário sublinhar que a concepção que permite apontar para a formação de um movimento homossexual dentro da RDA é a que identifica movimentos sociais como “redes de interações informais entre uma diversidade de indivíduos, grupos ou associações engajados em um conflito político ou cultural, com base em uma identidade coletiva compartilhada”<sup>47</sup>. Tais dinâmicas são observadas nas iniciativas empreendidas por grupos homossexuais na RDA que, mesmo com a repressão na qual se viam submetidos, se organizaram a partir da constatação do conflito em comum perante a falta de espaço público de discussão sobre a homossexualidade por conta da censura e repressão estatal, como também do entendimento como compartilhadores de uma identidade homossexual.

---

<sup>45</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 118. Tradução nossa.

<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> DIANI, Mario. The concept of social movement. *Sociological Review*. n. 40, 1992, p. 13. Tradução nossa.

O olhar comparado, apesar de profícuo e necessário, entre o movimento homossexual na RDA e suas contrapartes, principalmente os vizinhos ocidentais, geralmente pode contestar a afirmação da existência de um movimento homossexual no país, principalmente ao reparar a realização de extensas ações públicas pelos vizinhos homossexuais ocidentais ante as ações mais restritas dos engajamentos alemães orientais. No entanto, deve-se frisar que o movimento não deve “ser pensado de modo dissociado das relações que o informam e constituem e do contexto sócio-histórico em que se insere”<sup>48</sup>. Dessa forma, ao pontuar as especificidades contextuais, os limites de ação subversiva colocados pelo aparato repressivo do Estado alemão socialista e a concepção de movimento social, diferindo-o de outros processos de ação coletiva<sup>49</sup>, as ações empreendidas por esses indivíduos constituem um movimento homossexual da Alemanha Oriental. No entanto, ainda há um escasso escopo acadêmico que se destine a não apenas entender seu contexto, mas a própria articulação interna do movimento, especialmente se almejar entendê-lo de forma interseccional, buscando atentar para as formas de entrelaçamento dos marcadores sociais da diferença em seu interior<sup>50</sup>.

Rosa von Praunheim, até hoje um dos diretores alemães mais conhecidos da causa homossexual, conseguiu transmitir na televisão ocidental em 1973 um documentário chamado *Não é o homossexual que é perverso, mas sim a sociedade na qual ele vive (Nicht der Homosexuelle ist pervers, sondern die Situation in der er lebt)*<sup>51</sup>, o qual não apenas foi considerado um dos grandes incentivos para o desenvolvimento dos movimentos pela liberalização homossexual na Alemanha Ocidental, mas também foi visto pela audiência oriental. Pelo fato de a televisão ocidental ser largamente vista pela população oriental (primeiro de forma clandestina e depois com a descriminalização estatal), tal documentário impactou igualmente os homossexuais atrás da Cortina de Ferro, o que também é o caso de Eduard Stapel que “assistiu aos 19 anos e percebeu que não estava sozinho em sua homossexualidade”<sup>52</sup>.

---

<sup>48</sup> FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 3, n. 04, 2012, p. 133.

<sup>49</sup> DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, coalizões e movimentos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 3, 2010.

<sup>50</sup> HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, v. 20, n.2, 2015..

<sup>51</sup> “Nicht der Homosexuelle ist pervers, sondern die Situation, in der er lebt”. Rosa von Praunheim. Alemanha Ocidental: 1971. Disponível por stream (1h4min)

<sup>52</sup> MCLELLAN, Op. cit., p.120. Tradução nossa.

Com a intensificação das organizações pelo movimento homossexual na Alemanha Ocidental, houve também o incremento de publicações e outros materiais sobre o assunto que chegavam até as mãos dos homossexuais alemães da RDA através de diversos caminhos de contrabando largamente utilizados no país e fonte de grande preocupação para a *Stasi*<sup>53</sup>. McLellan conta, por exemplo, o caso da revista *Siegessäule* organizada por grupos homossexuais da Alemanha Ocidental, cuja circulação a *Stasi* interceptou sob desconfiança de estar sendo levada a RDA através de embaixadores ocidentais<sup>54</sup>.

Tal contato com o Ocidente, parte não exclusiva dos movimentos pela liberalização homossexual, mas frequentes em toda a história da RDA, permanecerá presente até a dissolução da Alemanha Oriental. Contrário a uma redução da construção de um movimento homossexual na RDA unicamente à relação com a Alemanha Ocidental, deve-se frisar que os homossexuais orientais possuíam suas próprias pautas, preocupações e, de certo modo, não se opunham à construção de uma Alemanha socialista, mas, sim, defendiam que a incorporação do homossexual era pertinente e positiva na fortificação da sociedade socialista almejada. No entanto, as relações entre Ocidente e Oriente são indispensáveis na história do movimento homossexual alemão oriental. Como apresenta Tammer,

o contato dos Movimentos Homossexuais de Berlim Oriental com o Ocidente é parte de uma História que ainda deve ser escrita (...) Os grupos homossexuais de Berlim Oriental se orientavam pelo exemplo ocidental e eram inspirados pelo mundo homossexual ocidental, no entanto, suas atividades foram destinadas à sociedade e ao Estado da RDA<sup>55</sup>.

Entre os diversos exemplos trazidos por Tammer há o de um entrevistado que relata que a notícia sobre a transmissão do documentário de Rosa von Praunheim havia sido enviada por homossexuais de Berlim Ocidental. Isso mostra que tanto a intensificação dos movimentos ativistas homossexuais na Alemanha Ocidental quanto o pontapé inicial destes na Alemanha Oriental têm pontos em comum, indicando para além das especificidades locais e atestando a existência de redes mais *globais*<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> Sigla em alemão utilizada para designar o *Ministerium für Staatssicherheit*, órgão responsável pela segurança do país e imensamente responsável pela repressão e vigilância da população, práticas amplamente utilizadas pelo Estado alemão oriental.

<sup>54</sup> MCLELLAN, Op. cit., p. 120.

<sup>55</sup> TAMMER, Teresa. Schwul bis über die Mauer. Die Westkontakte der Ost-Berliner Schwulenbewegung in den 1970er und 1980er Jahren. In: MARBACH, Rainer; WEIB, Volker. *Konformitäten und Konfrontationen. Homosexuelle in der DDR*. Hamburg: Männerschwarm Verlag, 2017. p. 85. Tradução nossa.

<sup>56</sup> Essa constatação vai de encontro ao que Buffington *et al* apontam como a necessidade de se superar as resistências de estudar a sexualidade e seus movimentos em um contexto que considere níveis mais globais. Cf. BUFFINGTON, Robert. *et al. A Global History of Sexuality: the modern era*. Wiley Blackwell, 2014.

Entre uma das consequências mais evidentes desses diálogos entre ambos os lados do Muro de Berlim está a criação do *Homosexuellen Interessengemeinschaft Berlin* (HIB-Grupo de Interesse Homossexual de Berlim), podendo ser considerado um dos primeiros grupos pelo movimento de liberalização homossexual da RDA. A importância do contato entre Ocidente e Oriente para a fundação do grupo<sup>57</sup> tem relação também com uma das primeiras demonstrações sobre a homossexualidade na Alemanha Oriental. No mesmo ano em que o documentário de Rosa von Praunheim estreia na televisão ocidental, acontece em Berlim Oriental o chamado *Weltspiele*, um Festival Mundial de Jogos que recebeu delegações de diversos países (de dentro e fora do bloco socialista). Entre os visitantes, destaca-se Peter Tatchell que, vindo com a comitiva inglesa, conseguiu circular vários materiais dentro da RDA sobre a luta pela liberalização homossexual, promover algumas rodas de conversa sobre o tema e, mesmo sendo interceptado pela *Stasi*, no desfile de encerramento do festival levou um pequeno cartaz pela causa homossexual, recebendo represálias da própria delegação inglesa. Esse exemplo também atenta para as influências externas que auxiliaram em um despertar organizado para a questão da homossexualidade na República Democrática Alemã.

É claro que todo esse primeiro aflorar de organização homossexual no país, mesmo que na maior parte do tempo exclusiva à sociabilização de seus participantes do que um ativismo propriamente dito, recebeu represálias por parte do Estado. A *Stasi*, por exemplo, transformou Chalorte von Mahlsdorf, a proprietária do local em que o HIB passou a se encontrar, em uma informante a fim de vigiar o grupo. Apesar de não haver provas que Mahlsdorf tenha delatado algo de peso contra o grupo, “todas as reuniões na Mahldorf foram proibidas, e o trabalho do HIB fracassou”<sup>58</sup>.

Após essa primeira experimentação, o movimento homossexual alemão oriental viria a se desenvolver de forma mais intensiva de novo apenas em meados dos anos 1980 quando a Igreja Protestante abarcou os indivíduos que desejavam um local protegido para que pudessem organizar suas atividades e realizar seus encontros. Deve-se destacar que a Igreja Protestante na RDA não necessariamente havia se engajado junto à causa defendida por esses indivíduos<sup>59</sup>, mas tal inserção ocorre em um contexto bem mais amplo onde essa instituição religiosa teve papel central nas organizações populares que demonstraram sua insatisfação perante o Estado alemão socialista, culminando na queda do Muro de Berlim em 1989. Na história da RDA, a Igreja Protestante era para o Estado uma opositora às políticas domésticas

---

<sup>57</sup> TAMMER, op. cit.

<sup>58</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 122. Tradução nossa.

<sup>59</sup> O auxílio da Igreja aos grupos homossexuais se dava, em sua grande parte, no empréstimo de espaços físicos para que tais indivíduos pudessem se encontrar.

e internacionais<sup>60</sup>. Nesse contexto, nos últimos anos de existência dessa República, vários grupos de oposição se aliaram sob o respaldo da Igreja como oposição ao Estado, tendo como causas políticas a preservação, a questão da paz mundial<sup>61</sup> e, dentre muitas outras preocupações, a situação dos homossexuais na RDA. Esses grupos homossexuais que se desenvolveram no decorrer dos anos 1980, de forma semelhante ao extinto HIB, “estavam determinados a trazer tais questões para uma audiência mais branda”<sup>62</sup>. Isto é, o foco continuava sendo tirar o homossexual de sua invisibilidade e o isolamento que esta provocava em suas vidas pessoais.

Para além das organizações sob proteção da Igreja Protestante, outras de forma mais autônoma também foram formadas. É o caso do *Sonntags-Club*, “o qual era mais assimilacionista do que os grupos das Igrejas e pretendia a integração do homem homossexual e as lésbicas à sociedade socialista.”<sup>63</sup>. Entre uma das principais preocupações do *Sonntags-Club* estava, por exemplo, a possibilidade de publicação de anúncios em jornais e revistas de propostas de encontros entre pessoas de mesmo gênero. Porém, por mais que não se colocasse tão contrário ao Estado, assim como ocorreu com os grupos sob o círculo da Igreja Protestante, o *Sonntags-Club* era sob os olhos da *Stasi* uma “força negativa inimiga”<sup>64</sup>.

A vigilância desses grupos pela *Stasi* era constante e seus participantes estavam cientes disso. A partir da pesquisa de McLellan nos arquivos do Estado da RDA, liberados em parte após a unificação alemã em 1990, constatou-se que “em 1984 a *Stasi* estava ciente de outros grupos em Magdeburg, Dresden, Erfurt e pelo menos quatro grupos em Berlim”<sup>65</sup>. A atenção dada pela *Stasi* e a classificação de “força negativa inimiga”<sup>66</sup> eram também acompanhadas pela concepção do regime no qual

as políticas sociais se recusavam a reconhecer que homens homossexuais e lésbicas possuíam necessidades particulares as quais não poderiam ser sanadas dentro dos limites estreitos da vida na Alemanha Oriental, a qual priorizava o casamento e a gravidez<sup>67</sup>.

---

<sup>60</sup> GOECKEL, Robert. The GDR Legacy and the German Protestant Church. *German Politics & Society*, n. 31, 1994.

<sup>61</sup> SCHRÖDER, Richard; SCHNEIDER, Deborah. The Role of the Protestant in German Unification. *Daedalus*, v. 123, n. 1, 1994.

<sup>62</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 123. Tradução nossa.

<sup>63</sup> Ibid., p. 128. Tradução nossa.

<sup>64</sup> DOBLER, Jens. Staat im Aufbruch. Der Sonntags-Club. In: MARBACH, Rainer; WEIß, Volker. *Konformitäten und Konfrontationen. Homosexuelle in der DDR*. Hamburg: Männerschwarm Verlag, 2017. p. 104. Tradução nossa.

<sup>65</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 123. Tradução nossa.

<sup>66</sup> DOBLER, op. cit.

<sup>67</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 129. Tradução nossa.

Em 1984, por exemplo, alguns grupos se organizaram para uma demonstração no campo de concentração nazista *Buchenwald* a fim do reconhecimento por meio do Estado e, obviamente, da sociedade, dos homossexuais como vítimas do nazismo. Mesmo após algumas intervenções e intensa vigilância pela *Stasi* alguns protestantes conseguiram ainda se manifestar. Porém, a resposta oficial do regime era que a “homossexualidade não poderia ser reconhecida como um ‘problema separado’ na história dos campos de concentração”<sup>68</sup>. Ou seja, percebe-se que a grande inquietação estatal não era para com a existência da homossexualidade ou o ato sexual em si, visto a descriminalização em 1968 (mesmo com suas razões políticas), mas, sim, “pelas implicações políticas e de segurança”<sup>69</sup> de tais atos, caso propagados socialmente. Dessa forma, a manutenção da invisibilidade da identidade homossexual era um interesse maior do que a eliminação desses sujeitos.

De qualquer forma, apesar do desejo do Estado em não fazer concessões às demandas desses grupos, transformações sociais internas e globais estavam em curso, além da pressão política exercida pelas organizações homossexuais. Ao tentar compreender o fim dos anos 1980 e o movimento homossexual, deve-se ter consciência de que a Alemanha Oriental se encontrava em crise política e econômica severa<sup>70</sup>, na qual o Estado, na tentativa de apaziguar os inúmeros descontentamentos populares, passou a realizar algumas concessões, como a manutenção de ofertas de alguns produtos considerados de luxo, nos famosos *Intershops*<sup>71</sup>. De forma semelhante às tentativas de suprir a ânsia por consumo de alguns produtos, pode-se afirmar que certas medidas consideradas mais liberais foram tomadas também conforme a preocupação das implicações que a insatisfação dos movimentos homossexuais poderia provocar.<sup>72</sup>

Nesse contexto, as discussões sobre a homossexualidade começaram a ter maior circulação na RDA. O meio acadêmico, por exemplo, em suas diversas áreas passou a discutir de forma mais autônoma as questões que na época circundavam o tópico da homossexualidade. Deve-se destacar que, assim como a “esfera acadêmica não era uniformemente progressiva”<sup>73</sup>, a maior parte do debate sobre a homossexualidade não era de

---

<sup>68</sup> Ibid., p. 124. Tradução nossa.

<sup>69</sup> Ibid., p. 132. Tradução nossa.

<sup>70</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2008.

<sup>71</sup> FULBROOK, Mary. *The People's State – East German Society from Hitler to Honecker*. London: Yale University Press, 2005.

<sup>72</sup> Essas implicações temidas pelo Estado, especialmente pelos informantes parte da *Stasi*, baseavam-se na premissa compartilhada por muitos de que grupos homossexuais, ou então os que, por exemplo, lutavam pela questão da preservação ambiental, poderiam desestabilizar o regime, ao intensificarem o processo de insatisfação popular generalizado. Cf. McLellan, op. cit.

<sup>73</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 130. Tradução nossa.

forma alguma totalmente direcionado a uma aceitação. O que se deve frisar é que tal possibilidade de debate significou um afrouxamento na resistência do Estado em tratar do assunto.

Emissões de rádio como *Mensch Du! Ich bin homosexuell!* (Ei, você! Eu sou homossexual) ou *Mensch Du! Ich bin lesbisch!* (Ei, você! Eu sou lésbica!) foram feitas em parceria com alguns dos grupos que se organizavam junto às Igrejas. Uma série de reportagens sobre a homossexualidade na revista de grande circulação *Das Magazin* distanciava-se dos clichês padrões com que o assunto era tratado na imprensa e trazia o “reconhecimento da popular homofobia, a intolerância e os efeitos nos homens homossexuais”<sup>74</sup>. Além disso, uma peça de teatro denominada *Ich bin schwul* (Eu sou homossexual) foi produzida por uma das diretoras mais prestigiadas dentro da RDA e encenada no *Palast der Republik*, uma das principais sedes ministeriais do governo socialista alemão. Para Peck, tal atitude “foi considerado uma clara declaração da abertura da RDA para com as questões homossexuais”<sup>75</sup>.

De modo bastante curioso, mas também frustrante, a produção de um filme homossexual chamado *Coming Out* marca o ápice do movimento homossexual alemão oriental. O filme, sob os cuidados e aprovação estatais, que conta a história de um professor e o processo da própria aceitação de sua sexualidade foi “filmado em bares *gays* e locais de paquera de Berlim Oriental, e muitos dos figurantes eram regulares da ‘cena’”<sup>76</sup>. Assim, o filme traria aquilo que, até então, era colocado sob o prisma da invisibilidade para o conhecimento ostensivo do público. Além disso, o enredo apresentado salientava uma mudança no tratamento do Estado para com a história da homossexualidade, já que uma de suas cenas finais apresenta a história de um homossexual que teria sido vítima de aprisionamento nos campos de concentração nazistas e teria recebido apoio dos outros prisioneiros comunistas. Assim, bem diferente do posicionamento diante das demonstrações no campo de concentração de *Buchenwald* em 1984, em uma única cena do filme o Estado da RDA reconhecia a perseguição de homossexuais pelos nazistas e conseguia conciliar tal história com a luta antifascista empreendida pelos comunistas, uma das grandes bandeiras da identidade socialista alemã pós-guerra.

No entanto, o frustrante e curioso dessa produção é que sua estreia foi realizada exatamente em 9 de novembro de 1989, a mesma noite da queda do Muro de Berlim.

---

<sup>74</sup> Ibid., p. 136. Tradução nossa.

<sup>75</sup> PECK, Jeffrey M; LEMKE, Jürgen, op. cit, p. 144. Tradução nossa.

<sup>76</sup> MCLELLAN, op. cit., p.137. Tradução nossa.

Naturalmente, a estreia do filme e o impacto que o tema retratado teria na sociedade foram ofuscados pela queda do Muro e a posterior unificação alemã. Como coloca um dos entrevistados em um documentário sobre a vida homossexual na RDA, *Unter Männer – Schwul in der DDR* (Entre Homens – Homossexuais na RDA)<sup>77</sup>, é como se a Alemanha Oriental não tivesse completado o seu *coming out* (expressão em inglês; como “sair do armário”<sup>78</sup> em português).

Percebe-se com o panorama geral apresentado aqui sobre a questão da homossexualidade na RDA que o Estado alemão socialista não estava, necessariamente, preocupado em proibir atos sexuais entre indivíduos de mesmo gênero, mas, sim, em evitar as implicações sociais e políticas que a abertura discursiva da homossexualidade ao público poderia promover.<sup>79</sup> Assim, durante grande parte da história da antiga República, o Estado conjuntamente às articulações repressivas promovidas pela *Stasi* promoveram um constante silenciamento desses indivíduos e a permanente impossibilidade do desenvolvimento pleno de uma vida pública homossexual, como defende McLellan<sup>80</sup>. Foi só no fim da década de 1960, com a descriminalização da homossexualidade, e de forma mais intensiva em meados da década de 1980, onde a Alemanha Oriental se encontrava em uma crise política, econômica e de extrema insatisfação social, que o Estado passou a ceder, ainda que de forma restrita, aos grupos homossexuais a fim de apaziguar a insatisfação de tais movimentos. Evans resume, por fim, os anos 1970 e 1980 como testemunhas

de uma liberalização lenta das atitudes sobre a sexualidade no geral, mas ao mesmo tempo muitos alemães orientais continuaram a enxergar as pessoas *gays* como perversas, suportando visões tradicionais de papéis masculinos e femininos<sup>81</sup>.

## Conclusão

“Nós *gays* na RDA poderíamos ter desenvolvido um tipo de solidariedade mais humana do que a que vejo no Ocidente”<sup>82</sup>. Essa frase, já citada anteriormente, é postulada por

---

<sup>77</sup> “Unter Männer. Schwul in der DDR“. Ringo Rösener e Markus Sein. Alemanha: 2012. Disponível em DVD (1h31min)

<sup>78</sup> O nome do filme e a referência à ideia de *coming out* confere ao que Sedgwick chamou de “epistemologia do armário”. O “assumir-se”, a “saída do armário” é para a autora a representação da força que a imagem do armário tem em nossa sociedade, atestando um papel central não só para aquele que *a priori* o armário se refere, o homossexual, mas também para a própria manutenção da heteronormatividade. Cf. SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia no armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, 2007.

<sup>79</sup> Além do medo da própria insatisfação com o Estado pelos grupos homossexuais, a concepção da homossexualidade como sendo produto do capitalismo ocidental amedrontava a possibilidade do debate público, como estratégia para evitar a intensa inserção em curso da população da RDA em tendências culturais e de consumo globais, especialmente aquelas identificadas como capitalistas.

<sup>80</sup> Op. cit.

<sup>81</sup> EVANS, op. cit., p. 563. Tradução nossa.

<sup>82</sup> PECK, Jeffrey M; LEMKE, Jürgen, op. cit.

Jürgen Lemke em uma entrevista concedida em 1991, logo após a unificação alemã. Lemke é autor de *Gay Voices from East Germany* (Vozes gays da Alemanha Oriental)<sup>83</sup>, publicado primeiro em alemão e considerado o primeiro livro com relatos e entrevistas com homossexuais de um país socialista. Deve-se destacar que junto a tal afirmação sobre a possibilidade de uma solidariedade gay mais humana na RDA e grande parte das opiniões em sua entrevista, percebe-se que Lemke mais fala da decepção com o cenário encontrado após a unificação alemã do que a vida homossexual na RDA em si. Claro que tais posicionamentos estão inseridos em uma época de grande tensão diante das rápidas transformações nas quais os alemães, principalmente os orientais, encontravam-se. De qualquer forma, a positividade com que Lemke coloca seu olhar para a RDA, interpreta-se aqui como um tipo, ainda que incipiente pela época, de *Ostalgie* que mais do que falar das condições passadas, pretende comparar o passado com as frustrações presentes.

No entanto, descartar totalmente a *Ostalgie* e colocar qualquer menção a algum aspecto positivo sobre a homossexualidade na Alemanha Oriental como efeito da frustração sobre a unificação e o não cumprimento das promessas capitalistas é tratar da problemática de modo generalizante, ainda que inverso, da mesma forma com que os fanáticos da *Ostalgie* geralmente se engajam sobre o assunto. Como coloca Lemke em sua entrevista com Peck<sup>84</sup> havia uma subcultura gay própria da RDA, a qual, para além das possíveis influências do Ocidente, possuía suas próprias práticas, convicções, dinâmicas, entre outros. O que é importante ressaltar, então, é que apresentar o cenário largamente repressivo com que tais sujeitos se encontravam diariamente não requer um silenciamento dos aspectos e práticas positivas em que tais indivíduos também estavam engajados e as quais, para muitos, após a unificação alemã não eram mais possíveis e, naturalmente, motivos de rememoração nostálgica.

O que se deve notar é a necessidade de olhar a *Ostalgie* como um forte enquadramento de memória (sendo este positivo ou não em relação ao passado da RDA) que nos diz, algumas vezes, mais sobre o presente em que se desenvolve tal discurso do que o passado real. Em outras vezes, observar tal discurso é a ponte para que superemos as amarras das memórias hegemônicas tomadas pela heteronormatividade. Assim, nota-se que tais rememorações são essenciais para a historiografia, seja para confirmar certos preceitos, seja para contrapô-los, para entender o passado ou ilustrar melhor o presente. Não se engajar em

---

<sup>83</sup> LEMKE, Jürgen. *Gay Voices from East Germany*. Indiana University Press, 1991.

<sup>84</sup> PECK, Jeffrey M; LEMKE, Jürgen, op. cit.

uma *Ostalgie heteronormativa* é essencial, mas devemos tomar cuidado para não cairmos em outros tipos de naturalizações excludentes.

É nessa disputa de discursos, de memórias, de sujeitos, de enquadramento e das historiografias que se dá o estudo da homossexualidade na RDA. Mais do que a natureza fragmentada das memórias individuais perante as grandes narrativas, toda essa ambivalência é fruto da própria experiência homossexual na Alemanha Oriental: marcada ora por repressão e invisibilidades, ora por políticas consideradas à frente de sua contrapartida ocidental. Se por um lado em 1984 a homossexualidade na história da perseguição nazista não podia ser reconhecida pelo Estado da RDA, cinco anos depois esse mesmo reconhecimento se daria em um filme de ampla divulgação e patrocinado pelo mesmo Estado que antes recalçava a discussão.

A história da homossexualidade na RDA deve se basear nas disputas que perpassam essas memórias, na natureza de discursos como a *Ostalgie* e nos usos políticos que tais lembranças e enquadramentos apresentam. Deve ser, então, considerada em suas ambivalências, suas repressões, limitações, mas também suas vivências positivas. A homossexualidade na RDA é a história de um país que se dividia entre o estabelecimento de parâmetros restritos do que considerava ideal para uma sociedade socialista e também a tentativa constante de um Estado repressor e desesperado em apaziguar as crescentes instabilidades e insatisfações populares.

Se por um lado a “natureza limitada de uma esfera pública significou que a revolução para *gays* e *lésbicas* permaneceu nada mais do que um sonho”<sup>85</sup>, por outro houve consideráveis concessões por parte do Estado nos últimos anos de existência da RDA que, por mais que sejam frutos de contextos de crise política e econômica, também são resultados conquistados por uma luta engajada por grupos formados por uma minoria largamente reprimida e vítima de uma intensa homofobia.

Apresentou-se aqui um parecer geral do que a historiografia, ainda que de forma bastante insuficiente, traçou sobre a homossexualidade na Alemanha Oriental até hoje. Sendo frutos de enquadramentos, aqui não seria diferente apontar então para a necessária intensificação de engajamentos para com o tema. Mais do que apenas melhor compreender a situação e o engajamento homossexual na RDA, é também profícuo se voltar para longe de Berlim Oriental, onde a maior parte da historiografia se concentra. Da mesma forma que as ambivalências permeiam a vivência homossexual em Berlim Oriental, elas podem ser ainda

---

<sup>85</sup> MCLELLAN, op. cit., p. 143. Tradução nossa.

mais profundas, ou não, ao considerar o interior da RDA. Dessa forma, pode-se melhor traçar a história da homossexualidade na Alemanha Oriental e os discursos que permeiam a produção da *Ostalgie*. Assim, visando a pluralidade e a problematização das *memórias* que circundam a discussão, voltar-se aos sujeitos, para além das atitudes institucionais, também deve um empreendimento a ser almejado. Se quisermos, então, ir para além da *Stasi*, do Muro de Berlim e de todo um contexto macro que constituíam tal cenário, os sujeitos, em suas competências e possibilidades específicas, aparecem como chave essencial para lidar com essa história.